

O LÉXICO INOVADOR DAS CANTIGAS DE SANTA MARIA

Oswaldo Humberto Leonardi Ceschin*

RESUMO: O artigo pretende demonstrar o aspecto inovador do léxico das Cantigas de Santa Maria (CSM). Além de um maior número de vocábulos que outros cancioneiros, as CSM apresentam muitas palavras cultas e semicultas, que ampliaram as áreas semânticas abrangidas pelo léxico do galego-português do século XIII.

Palavras-chave: lexicografia, lexicologia, léxico português medieval, literatura medieval portuguesa.

As *Cantigas de Santa Maria* são relatos de milagres marianos e cantos de louvor, elaborados a partir de diferentes fontes e de várias procedências, que representam uma cuidadosa produção estética medieval com conteúdo religioso. Exibem variados aspectos do ambiente em que se originaram, com traços do momento, do espaço e da expressão que nelas confluíram e se configuraram.

As *Cantigas* não foram criadas, é verdade, em sua maioria, como produto original ou prototípico, oriundo apenas da imaginação de Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela de 1252 a 1284. Ele concebeu a obra e foi, sem dúvida, também autor e, talvez, redator final e compositor de "sons"; selecionador e organizador das fontes de uma coletânea em que predomina a recomposição de motivos e temas, alguns dos quais de longa tradição. Deixou nas *Cantigas de Santa Maria*, no entanto, a marca particular de engenho e arte.

* Universidade de São Paulo.

Se for acertado afirmar, com Sausurre, que “toda língua literária, produto da cultura, acaba por separar a sua esfera de existência da esfera natural, que é a língua falada” ou se se considerar como Bally, que “a língua literária é o resultado de uma necessidade estética incompatível com a banalidade e sobretudo com a pobreza da língua comum”, percebe-se, no processo de criação, elaboração ou reelaboração estética de que se serviu Afonso X, a escolha de procedimento ousado em relação à prática dos poetas da época, na recolha, na escolha e na utilização do material lingüístico necessário à consecução de seu trabalho, não hesitando em inovar por vários meios, como a utilização de neologismos, formas variantes, empréstimos; com a sinonímia e a homonímia; para dar, principalmente à sua “obra-prima”, marcas de qualidade estética e de estilo. Bally concebeu que “a língua literária transpõe a língua comum para acomodá-la a uma forma de pensamento essencialmente pessoal, afetiva e estética”. Ora, Afonso X teve a necessidade e também a consciência e a coragem de exceder, nas *Cantigas de Santa Maria*, os limites dos recursos até então praticados nos cantares profanos, que ele também elaborou e colecionou; e mesmo a preservação de inúmeras fontes da cultura medieval, entre as quais a dos mesmos cancioneiros que são as fontes medievais conhecidas da lírica galego-portuguesa, tem seu exemplo e inspiração no labor das oficinas do Rei Sábio.

É bem verdade que o rei castelhano, mais que todos os anteriores e muitos dos sucessores, contou com as melhores condições para operar os instrumentos intelectuais que as circunstâncias lhe ofereceram, e que soube, por mérito pessoal, aproveitar. Em sua corte de notáveis do mundo cristão, judaico e muçulmano de Castela, agiu com sabedoria no plano intelectual: acolheu, para propósitos intelectuais, pessoas, documentos, objetos e informações. Com eles revolucionou a cultura de seu tempo e espaço. Mas também utilizou o instrumento imprescindível para a expansão das idéias e do conhecimento: o do domínio da linguagem, pois, consciente deste valor, produziu e inovou no idioma castelhano e outro tanto no

galego-português. A língua que empregou em cada obra de sua oficina é manifestação e prova de projeto cultural, de planejamento de ação política, de intenção histórico-social.

Um exemplo de sua atuação consciente na área da expressão lingüística é o acervo léxico das *Cantigas de Santa Maria*. Este conjunto, em relação aos demais de cantigas, constitui uma evidente ampliação de formas, significados e valores. Revela atitudes de preservação, renovação, inovação, com a perspectiva do futuro. Há clara superação dos recursos expressivos que se manifestam nas obras ibéricas anteriores às de seu período. Esses recursos lingüísticos podem ser examinados nos níveis lexicais, sintáticos e semânticos, embora sua utilização tenha também motivações de natureza pragmática que a análise fonológico-histórica pode confirmar. Objetivos estéticos envolvidos com propósitos culturais, políticos e mesmo de natureza pessoal, que conferem ao Sábio Rei um lugar muito particular na Meia-Idade ibérica.

Comparando-se, por exemplo, o conjunto lexical das *Cantigas de Santa Maria* com o de outros gêneros coetâneos dá-se o seguinte quadro: o conjunto lexical das cantigas de amor do *Cancioneiro da Ajuda*, com suas 1410 entradas no glossário, apresenta raríssimas formas que podem ser consideradas “semicultas” ou “cultas”, como *nostro* ou *rancurar-se*, e não soma 2% do total dos lexemas esse tipo de forma; assim como o complemento das *Cantigas de Amor* editadas por Nunes, cujo glossário de 256 lexemas também apresenta raríssimas ocorrências de “semi-eruditas e eruditas” como *defensa*, *defençon*, *plazer*, *treiçon* e *viltança*, que não alcançam mais de 3% dos lexemas e, na maioria dos casos, como fórmulas poéticas dos trovadores; enquanto o léxico das *Cantigas de Amigo*, editadas por Nunes, com 756 entradas de lexemas também apresenta um conjunto bastante modesto em relação às formas cultas ou semicultas; o léxico completo das cantigas de amigo é mais numeroso que o apresentado no glossário de Nunes, pois ele excluiu (e explicou por que o fez!) “naturalmente aqueles vocábulos e frases que não mudaram nem de forma, nem de significação” (p. 577, n. 1).

Quanto ao léxico das cantigas de escárnio e de maldizer, apresenta ele variedade e extensão maiores em relação ao das prece-dentes. A tipologia dos gêneros satíricos, os temas e os conteúdos implicados exigiriam mais elementos para a elaboração dos “motes” e suas “razões”. As referências a diferentes áreas de conhecimento favoreceram essa variedade. Assuntos pessoais, religiosos, políticos, morais, profissionais, literários, comportamentais exigiram maior riqueza vocabular. As influências de atividades militares, eclesiásticas, administrativas, jurídicas, além da poética, levaram à ampliação do léxico, que acabou revelando outros elementos de expressão do léxico da tradição de fundo popular ou comum. As cantigas satíricas, no entanto, também apresentam uma porcentagem modesta de material léxico de empréstimo de renovação ou inovação, quer quanto ao significante, quer quanto ao significado, considerando-se a riqueza da matéria com que foram plasmadas.

A *Demanda do Santo Graal*, na versão portuguesa, cujo glossário elaborado por Augusto Magne alcança 1346 vocábulos de entrada, não chega a superar, com ocorrência de vocábulos cultos e semicultos em porcentagem, o dos cancioneros medievais profanos em seu conjunto, pois também apresenta uma baixa ocorrência dessas formas; e muitas das que registra são comuns às dos glossários das cantigas coetâneas. O assunto da *Demanda* e o fato de ter fonte escrita como origem fariam supor uma numerosa ocorrência de empréstimos e de inovações lexicais. Apresenta “semicultismos” e “cultismos”, principalmente semânticos, mais freqüentes que os dos vocabulários das cantigas de escárnio e de mal dizer, das cantigas de amor e das cantigas de amigo, naturalmente em razão do gênero e do assunto dessa narrativa, além do já mencionado fato de sua procedência; mas, proporcionalmente, em número bem modesto.

Como se pode notar pela simples comparação dos dados, as Cantigas de Santa Maria oferecem dados importantes para a descrição histórica do acervo léxico da língua portuguesa. O período de formação das estruturas que viriam a moldar os paradigmas da

criação e da renovação lexical, geralmente considerados como estabelecidos no período moderno do idioma, de fato, pode ser antecipado para o do início documental do galego-português, pois já no século XIII, em Castela, as bases lexicais, quanto à estrutura e à formação, estavam-se constituindo com processos que se tornaram habituais sobretudo depois de D. Duarte, no século XV. Ocorreu esse fenômeno também no castelhano e, naturalmente, a atividade literária, em amplo senso, presente no ambiente cortesão e no eclesiástico dos reinos vizinhos da Galiza e de Portugal atuou sobre o galego-português. Desta maneira, a variedade de elementos do vocabulário português já desponta na Espanha nas oficinas literárias do Rei Sábio e ainda, com menos vigor, na de Afonso III de Portugal, no terceiro quartel do século XIII.

ELEMENTOS DA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO LÉXICO PORTUGUÊS

A constituição do léxico português quanto a sua origem tem antiga divisão: vocábulos latinos tradicionais, isto é, transformados do latim ibérico; vocábulos de criação vernácula, ou seja, gerados no modelo gramatical que o paradigma mórfico estabelecido a partir do século XII produziu; e vocábulos de procedência estrangeira ou empréstimos, muitos dos quais como adstratos. A estes se podem somar os vocábulos primitivos de origem local, vocábulos pré-românicos, ou seja, substratos; ou então pós-românicos, superstratos ibéricos que também se encontram no léxico primitivo da língua. Quanto aos neologismos, são formas de identificação lingüística e reconhecimento metalingüístico mais recente, do período moderno.

Já o autor da “mais antiga gramática histórica do português”, Pacheco da Silva Júnior (1878), dá uma curiosa estatística da procedência do léxico português a partir do dicionário de Moraes:

- a) elementos latinos, palavras primitivas: 4000;
- b) elementos gregos: 30, célticos: 20, germânicos: 400, semíticos: 600, e árabes e hebraicos: 600, ou seja, um total de 5050;

c) a esse conjunto acrescenta 250 palavras "históricas ou eruditas" (portanto textos transmitidos pela cultura ou pela informação histórica escrita);

d) também ao conjunto acresce cerca de 1180 vozes de procedência estrangeira, inclusive o tupi;

e) conclui que das cerca de 50.000 vozes do léxico português registradas em Moraes, em torno de 42.800 são provenientes da formação vernácula, criadas no sistema gramatical ou então pela formação erudita de ciências e letras, a maior parte de base latim ou grega.

Na proporção estabelecida por Pacheco, portanto, cerca de um pouco mais de 80% do léxico português do período alcançado pelo *Diccionario* de Moraes, na edição que Pacheco consultou (provavelmente a 6ª ou a 7ª), no fim do século XIX, eram criações populares ou mesmo eruditas com base no sistema vernacular. É evidente que nesse cálculo não se leva em conta a frequência de uso ou de inserção, fato necessário para averiguar como é o funcionamento produtivo do sistema léxico da língua, num dado período. Pacheco não incluiu no conjunto, pois, as formas semi-eruditas, ou não as distinguiu das eruditas (que por convenção se tomam aqui como sinônimas de formas semicultas e cultas, respectivamente).

Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, em sua *Grammatica Histórica da Língua Portuguesa*, cuja elaboração primeira é dos últimos anos do século XIX, publicando-se em 1900, atina com certos fenômenos de natureza fonética nos vocábulos portugueses, incluindo os nomes próprios, e assim explica a presença das "divergentes", percebendo as diferenças de tratamento:

"Algumas destas palavras são muito antigas, e entraram na linguagem comum, sofrendo as modificações fonéticas posteriores à sua importação; entretanto muitas delas conservam o estigma da origem, e não se prestam à análise fonética. Muitas outras têm-se conservado até hoje na linguagem erudita ou literária, e permanecem inalteradas, ou com pequenas alterações" (p. 34).

Em sua *Grammatica Historica*, de 1915, Eduardo Carlos Pereira também não separa as formas eruditas das semi-eruditas e considera que o "nosso lexico actual consta, pois, de trez camadas distintas de palavras: as de cunho popular, erudito e estrangeiro" (p. 243).

Já Ramon Menéndez Pidal, cujos trabalhos sobre a origem e os fenômenos históricos dos dialetos ibéricos tiveram influência nos estudos do galego-português, em seu *Manual de Grammatica Histórica Española*, também do início do século XX, ao tratar dos elementos formadores do léxico castelhano, aponta certos elementos da língua literária, de introdução mais tardia, quando o latim clássico já era "língua morta", denominados "voces cultas" que não estavam imunes a certas mudanças fonéticas. Para ele, além destes termos "cultos" que sofrem "estos cambios mas sencillos", "sufren otros más profundos aquellos que se introdujeran desde muy remotos tiempos en el romance, y que llamamos voces semicultas" (p. 11-2). Pidal já estabeleceu então a relação possível entre as camadas do léxico a partir dos fenômenos históricos de sua origem e trajetória. E fez doutrina, certamente, assinalando a importância de se estudarem as "duas clases de voces", a culta e a popular. Como as formas populares usadas, segundo Pidal, são a última fase evolutiva, e merecem atenção especial, pois formam o fundo mais rico do idioma e a sua herança patrimonial.

São suas reflexões que, para o estudo histórico cultural, os cultismos e a manifestação das vozes semicultas constituem um elemento útil para o conhecimento das causas da introdução dos empréstimos no idioma. Sobre as formas semicultas, considera-as como cultismos que se introduziram em tempos remotos no romance; cita *título* como exemplo, que daria *tidulo* > *tidlo* > *tildo* > *tilde*, mostrando que o termo, apesar das alterações, não é popular. A questão é que, se fosse popular, a vogal *i* (breve) passara a *e*. No caso, chegou a existir uma forma *tetlu*, que foi abandonada. Foram de procedência semiculta, v. g. *cabilde*, *molde*, *regla*, *sieгло* ou *siglo*.

Pidal considerou que as semicultas nem sempre foram posteriores ao processo evolutivo desencadeado nas formas do vulgar.

Poderiam ser formas preservadas em determinado ambiente cultural. Também considerou que o tipo de uso de determinado termo pode alterar sua evolução. Por influência de pronúncia dos clérigos (na expressão da leitura), por exemplo, pode ter havido a interferência no processo evolutivo, no âmbito desse contexto cultural eclesiástico de contato com o povo. E deve-se observar que cultismo (base dos "semicultismos") não consiste em introduzir no idioma um termo ou uma acepção antes inexistente; e sua introdução não é necessariamente tardia. Por exemplo, o caso de *sieglo/siglo* que se manteve quando deveria gerar *sejo. Vários outros casos são os das terminações castelhanas *-cio*, *-ícia* e *-ion*. Esses fenômenos, de contenção do processo de mudança de empréstimo muito tardio, ou de aquisição em período correspondente da forma vulgar – mas usado em ambientes restritos –, justificam as diferenças do processo evolutivo entre as formas cultas ou semicultas e as populares.

As vozes de uso mais recente, mas de procedência não-latina, comportam-se como as características das vozes cultas. Pode-se concluir que as semicultas, para Pidal, poderiam ser vozes de introdução no léxico em época posterior à do domínio vulgar ou então praticamente na mesma época, mas com uso e ambiente distinto ou mais restrito. Um exemplo, a respeito, muito oportuno que ele citou: "...tampoco puede dudarse que la voz aguila se usó siempre en el habla vulgar, pero por ser esa ave enseña de las legiones y emblema del imperio que subsistió entre caudillos bárbaros, se detuvo la evolución fonética y la voz tuvo un desarrollo anormal en los romances..." (p. 14).

Muitos casos de conservação da vogal pós-tônica até a perda da vogal final constituem casos de vozes semicultas, e Pidal observou que uma "pressão culta" manteve a vogal postônica até a perda da vogal final, como em *cálize caliz*, *apóstolo apostol*, *ângele angel*, *ordine orden*, *juvene joven*, *margin margin*. O cultismo, como fenômeno, pode atuar, pois, no processo de evolução e transformá-lo de modo a produzir formas variantes no conjunto do léxico. O filólogo e lingüista espanhol foi um dos primeiros a valorizar a aná-

lise dessas camadas léxicas como contribuição para os estudos históricos das línguas românicas.

Para Carolina Michaelis de Vasconcelos (1912), o léxico português é constituído de diversas camadas: a primeira de fundo pan-românico de origem popular; em seguida, os termos cultos, científicos, poéticos, extraídos da linguagem escrita latina de diferentes épocas; também os "vocábulos herdados e nacionalizados e vocábulos livrescos menos alterados, que produziram no português três ou mais ecos" (p. 280). Se se juntarem a eles o grupo de vozes não latinas por empréstimos, compõe-se então, em sua concepção, o conjunto do léxico português. D. Carolina não mencionou os semicultos, mas seus comentários, na passagem acima, os subentendem.

José Leite de Vasconcelos (1911) também não especificou, em suas *Lições de Filologia* as formas semi-eruditas, mas registra as alotrópicas e exemplifica com *sala* e *saa*, demonstrando ser procedência comum em épocas diferentes.

Tratando da questão da origem do léxico português, Edwin B. Williams (1938), em sua obra mais divulgada no Brasil, observou com agudeza que no latim havia um corpo comum de palavras que transitavam do latim clássico ao vulgar e que, em muitos casos, transformavam-se de acordo com "leis regulares de semasiologia"; entretanto, em relação a essas palavras, segundo ele, um surpreendentemente grande número de sentidos parece seguir a lei da especialização (p. 24). Para ele, ainda que se novas palavras aparecessem e não eram conhecidas, muitas poderiam vir do próprio latim clássico sem que este jamais as tivesse utilizado fora dos próprios textos que perduraram. Este raciocínio admite que um conjunto considerável de formas léxicas usuais em certos ambientes pode não ter registro histórico num período e desaparecer, esquecido; ou ainda, por acaso, reaparecer no uso corrente em outros momentos, regiões ou níveis sociais. O fenômeno da renovação do léxico ocorre também por via deste fenômeno histórico.

Williams chamou a atenção para a presença de vocábulos no português com base no próprio latim recuperado pela cultura e

reconheceu a presença dessas formas eruditas ou semi-eruditas, como sendo usadas por homens de ciências e de letras, com frequência também pela Igreja e por intermédio da Lei, isto é, do corpo de leis preservadas desde a antiguidade, no âmbito do Império Bizantino e do Visigótico.

"Essas palavras eruditas ou semi-eruditas não sofreram todas as modificações a que haviam sido submetidas as palavras populares, primeiro porque tinham via de regra sido incorporadas à língua portuguesa depois de que certas modificações haviam cessado de atuar e, depois, por causa do esforço consciente de preservar-lhes a forma latina" (p. 28).

Williams concluiu que as palavras eruditas tardias, com modificações populares, eram imitadas de outras vozes populares do português, como *politigo* por *politico*, *inorante* por *ignorante* e o sufixo *-airo* por *-ário*, e também admitiu que o português literário apresenta talvez um menor número de cultismos que o espanhol literário.

Lembrou ainda que a presença de um vocábulo erudito ou semi-erudito que já aparecia em sua forma popular, juntamente com os empréstimos dialetais ou de outras línguas, gerou as "formas divergentes" como *pélagos* e *pego*, *artigo* e *artelho*, *arena*, *areia*. Segundo Williams, algumas vezes, um vocábulo popular era substituído pela voz latina que lhe dera origem. Esse novo vocábulo corrente constituía um "regressivo".

Já José Joaquim Nunes, no seu *Compêndio de Gramática Histórica*, considerou também a diferença entre as vozes de origem popular do português e as de origem literária ou culta e explica como essas vozes cultas entraram na corrente comum do idioma, por exemplo, pela ação dos tradutores, "*porque a fala popular lhes não oferecia equivalente ao termo latim, ou por prurido de erudição, trasladavam-no para português dando-lhe feição nacional que todavia não passavam de artificial*" (p. 15). Desses vocábulos introduzidos pois pela leitura (séculos XIV e XV) compõe-se um número de grupos de formas cultas do idioma. E acrescenta Nunes (1945):

"A par destes [cultos], outros há, os semi-cultos, que postos a correr pelos literatos em época mais antiga foram recebidos pelo povo que lhes fez sofrer modificações que os aproximam dos que constituem a base da língua, os populares, que são aqueles que receberam diretamente dos romanos, foram evoluindo espontânea e gradualmente" (p. 15-6).

Nunes explicou a origem dos semicultos, portanto, pela modificação que sofreram as formas cultas no uso popular:

"À semelhança com os populares, que muitos dos semicultos apresentam no seu tratamento histórico, provém de haverem sido transformados pela mesma entidade, o povo, mas em época diversa em que os processos fonéticos nem sempre eram idênticos, aliás não se teriam dado neles as diferenças que acusam, por exemplo, *artelho*, *malha*, *velho*, comparados com *artigo*, *mágoa*, *cabido*" (p. 16). Aqui pensou em *vedro* e não *cabido*, pois para *cabido* a origem está em *capítulo*.

Nunes e Williams reforçam o argumento de que os eruditos tardios ou antigos (semi-eruditos) tiveram modificações populares pela imitação de vocábulos já correntes na língua popular e por aí explicam a existência em português das formas divergentes ou alotrópicas. Williams lembra também que às vezes um vocábulo popular era modificado ou substituído pelo vocábulo latino, caso de *seença* por *silêncio*, *verso* por *verso*, o sufixo *-ão* às vezes por *-ano*, como em *romano* (peregrino) etc. Williams chama essa forma de "contaminação" (p. 28).

Na verdade, esta é também causa de divergência, sem dúvida, mas não única.

Ismael de Lima Coutinho (1967) também considerou, em seus *Pontos de Gramática Histórica*, o grupo das vozes semi-eruditas ou semicultas, que "tendo ingressado na língua por via erudita, caíram depois no domínio do povo, que lhes introduziu algumas modificações" (p. 200). Deu como exemplos *humanidade*, *defesa*, *artigo*, *vício*, *regra* e *mágoa*.

A *Gramática portuguesa* de Vazquez Cuesta e M. A. Mendez da Luz (1971) também tratou os semicultismos como resultado de duas

razões principais: a importação antiga por pessoas doudas de formas cultas que depois teriam caído no uso popular, onde sofreram transformações, ou então por formas latinas antigas desde os tempos de colonização que tiveram sua evolução freada pela ação da Igreja ou pelo ambiente jurídico. São razões semelhantes às de Williams para explicar as vozes semicultas.

Um breve e importante estudo de Joseph-Maria Piel (1989) sobre as origens e a estruturação histórica do léxico português também associou os semicultismos com as formas antigas preservadas do latim ao lado das formas mudadas na oralidade popular: "Os latinismos mais antigos mostram em geral uma adaptação maior, em relação aos posteriores, à fonética do romance, sendo costume qualificá-los de termos 'semicultos'. Trata-se de palavras como *virgem*, *anjo*, *diabo*, *cabido*, *reino*, etc., cuja feição se aproxima bastante da dos elementos genuínos, quer dizer, dos que nunca deixaram de fazer parte do vocabulário patrimonial de base". Piel lembrou a notável capacidade de os latinismos se propagarem ao lado das formas populares, no caso do português, não apenas na língua comum, mas também na "pronunciadamente popular, onde se usam hoje em pé de igualdade com os elementos lexicais de fundo primitivo, avoengo" (p. 14).

O já saudoso lusitanista, Paul Teyssier (1980), distinguiu as palavras semi-eruditas das eruditas no léxico português pelo fato de aquelas serem empréstimos muito remotos; portanto de entrada mais antiga que estas:

"... Entre as palavras "semi-eruditas", isto é, aquelas de entrada mais antiga na língua, podemos incluir *mundo*, *virgem*, *clérigo* e a sua variante *crérigo*, *diaboo*, *escola*, *pensar* (cuja variante popular é *pesar*). Outras são mais recentes, por exemplo os adjetivos em *-ico* (cf. *público* ou seja "público", num documento de 1303. Para dar uma ideia da complexidade e da abundância destes empréstimos, assinalaremos alguns colhidos ao folhear o glossário das Cantigas d'escarnho e mal dizer, na edição de Rodrigues Lapa (Editora Galáxia, 1965). Encontram-se aí *alegoria* (no sentido de "ciência, arte"), *animalha* (animal irracional), *apóstata*, *arcebispo*, *arcediano* (hoje arcediogo), *bautizar* (baptizar), *benefício*, *calendairo* (hoje calendário), *câncer*, *ciência* ("ciência"), *citolon* e *citolar*, derivados de *cítola*

(de *cithara*), *confessar*, *confirmar*, *defeso*, *defesa*, *defensom*, *eiceicon* ("excepção"), *estrologia-astrologia*, *estrolomia* ("astronomia"), *físico* (médico), *natura*, *natural*, *ofício*, etc. (p. 33-4).

Portanto, considerou os semi-eruditos como uma forma de empréstimo lingüístico e apontou para sua importância e sua complexidade. De modo aguçado registrou a presença no cancionário escarninho galego-português dessas formas invasivas ou inovadoras. A natureza dos assuntos, a variedade das circunstâncias e das referências da literatura satírica que traz matéria histórica, jurídica, militar, religiosa, administrativa, além das alusões a pessoas comuns, figuras públicas e trovadores, podem sem dúvida explicar essas ocorrências que dão ao vocabulário desse cancionário um volume bem superior ao das cantigas líricas, das cantigas de amor e de amigo.

Entre os lingüistas brasileiros mais recentes, Mattoso Câmara também se ocupou da questão dos empréstimos semicultos. Mattoso (1970) deteve-se na questão da origem do léxico em face de sua forma ou tipologia, mostrando primeiro a importância dos termos ditos populares, no estabelecimento dos padrões lexicais portugueses. Para ele "o sistema fonêmico português e a tipologia silábica partiu do que se fixou nos termos populares" (p. 189). A essa fonologia e também à morfologia adaptaram-se os empréstimos. Mas é bom lembrar que os empréstimos, para ele, sobretudo os do latim literário passaram a formar a base de derivação vocabular. Ele lembra, entretanto, em boa hora, que os empréstimos mantiveram a estrutura fonológica do latim, e seus derivados passaram a compor um quadro paralelo quanto à estrutura fonológica e à morfológica. Veja-se: olho (olhar), dedo (dedal), mas ocular, digital, por exemplo.

A inovação e a renovação (reaproveitamento de formas com inovação semântica ou com ligeiras variações do significante) do léxico pelos empréstimos começaram muito cedo, já no romance lusitânico como herança da administração romana, em grande parte sobrevivente e assimilada pelos visigodos, pelo ensino escolar e pela língua da Igreja, pois, para Mattoso, não cessou o contato da

língua escrita romana com a língua escrita peninsular. A renovação, para ele, se acentuou a partir do Renascimento. Os termos eruditos propriamente ditos, vindos por empréstimo, devem ser separados desses empréstimos mais antigos, pois têm transformações fonéticas diferentes, embora também diferentes dos termos populares: "...os que foram introduzidos num período pré-português, apresentam mudanças fonéticas importantes, é certo: mas não são sempre as mesmas que depreendem as leis fonéticas centrais do vocalismo e consonantismo português. Em todo caso, são separados dos termos eruditos propriamente ditos, com o nome de termos 'semi-eruditos'" (p. 194).

Assim, as correspondências entre o vocalismo português e o latino não ocorrem nos eruditos e semi-eruditos. Mattoso enumera alguns dos fenômenos fonéticos que assinalam as diferenças: as vogais breves altas permanecem altas (*i* e *u*), as longas médias podem aparecer abertas como em *completum* – *completo* (p.); as vogais pré-tônicas ou pós-tônicas não sofrem síncope necessariamente como nos termos populares. Assinala também que, nos semi-eruditos, quando ocorre a queda da consoante sonora intervocálica que segue uma vogal pós-tônica – como em *populum* > *poboo* > *povo* – há a contração das vogais reduzindo o vocábulo à prosódia grave, em vez do original esdrúxulo. Acrescenta-se a esses dados o fato de que nos semi-eruditos ou eruditos antigos nem sempre ocorrem a desnasalação ou mesmo a síncope das consoantes breves sonoras, ou ainda que nem sempre houve o abrandamento ou lenização de surdas breves (como em *martírio* > *mariterio*).

A contribuição de Mattoso à questão da formação do léxico português acentua pois, também, a presença desse nível importante do vocabulário que enriqueceu o sistema fonológico, morfológico e, sobretudo, semântico da língua. Mattoso, lembrando Bloomfield, distingue nesses empréstimos eruditos ou semi-eruditos a diferença "externa" entre empréstimos íntimos, isto é, diretos, entre as populações de línguas em contato, e os "culturais", anexados à língua por contatos de maior ou menor distância pelo intercâmbio de

fatos de cultura. Mattoso ainda supõe, a exemplo de outros lingüistas já citados, que os empréstimos de vozes eruditas e semi-eruditas, ao lado das vozes de evolução popular, são os principais responsáveis pela presença no léxico português das formas alotrópicas ou divergentes, também chamadas *doublets*, em que se notam sem dúvida diferenças semânticas bem nítidas pela diferença dos contextos de entrada e de uso em relação ao contexto original.

É nessa perspectiva da valorização desses elementos da língua que se pode analisar o vocabulário de determinados períodos da história do português e, por meio do estudo específico de vocabulários e glossários de ambientes lingüísticos específicos, como o dos cancioneiros, levantar dados úteis para a descrição diacrônica do léxico da língua.

Vale mencionar que tal fenômeno não é exclusivo do português ou do castelhano medieval, pois ocorreu de modo geral nas línguas românicas em sua fase arcaica e no início de sua expansão como línguas literárias, num fenômeno comum de natureza cultural que teve conseqüências semelhantes em relação ao acervo vocabular e ao universo semântico. No capítulo sobre a influência clássica no vocabulário francês, Ullmann (1973) trata também dos latinismos primitivos do tipo dos semicultos "cuja configuração fonética mostra uma combinação da mudança normal de seus fonemas e da influência da forma latina, exemplificando com *siècle*, *vieil* etc."

Um dos grandes romanistas, Meyer-Lubke (1916), foi na verdade não apenas um dos primeiros a mostrar a importância desse fenômeno lingüístico nas línguas românicas, mas também um dos que mais claramente se pronunciaram sobre sua natureza e característica, razão por que se pode situar com destaque. Ao discutir a classificação dos vocábulos cultos e populares do latim assinalou que a língua escrita "aumentou e remoçou o léxico hereditário românico" e ao estabelecer a diferença entre culto e popular reconhece que não é tarefa fácil, embora importante para o tratamento dos fenômenos fonéticos em geral. Mas para ele o critério fonético não serve para identificar com exatidão os cultismos nas línguas românicas

pois, como no italiano por exemplo "é muitíssimo difícil destrinçar as palavras cultas das populares e neste caso não basta o critério fonético para fixar a data das palavras insuladas: duma evolução fonética diferente pode deduzir-se uma data diferente, mas duma evolução semelhante não pode deduzir-se uma data igual" (p. 63). Esta afirmação é capital. O exemplo do italiano pode explicar dificuldades de estabelecer a procedência do vocábulo de certas formas cuja transformação fonética ou funcional não se torna visível no estágio da língua herdeira. Poucos se atrevem a afirmar, p. ex., que no francês o número dos cultismos é muito elevado, fato que é provável.

A influência da língua escrita no caudal popular no latim falado é um dos principais motivos da presença de formas eruditas nas línguas românicas. No caso do galego-português esse fato é bem visível e nas obras literárias do período medieval nota-se ainda a presença maior ou menor dos cultismos em função da possível influência, próxima ou remota, da expressão escrita de origem latina, sobre a expressão herdeira no vernáculo. As receitas muito aceitáveis para a identificação dos cultismos mostram alguns critérios de classificação deles e também de formas de empréstimos ou usos semicultos. Por exemplo, a demora no uso escrito das línguas vulgares favoreceu a permanência de formas de expressão latinas escritas em alguns meios ou classes sociais, que as passavam para o uso comum. Essa mistura eventual de formas escritas e faladas já ocorria no período romano antes da divisão do Império. Posteriormente a oposição entre língua falada e escrita se acentuou gerando a necessidade de tradução de obras latinas de difícil compreensão, o que levou às vezes à adoção de termos que não tinham correspondência na fala, obrigando seu emprego com formas mais ou menos modificadas do próprio latim. A noção de que o latim seria mais nobre ou seletivo em face do vulgar favoreceu também a mistura de seu emprego na linguagem usual entre o público ilustrado no período posterior à divisão imperial e durante a Idade Média.

Se os cultismos que se intrometiam no uso popular desse período de amadurecimento dos romances, em razão do contato de grupos sociais que usavam o latim profissionalmente com o povo, favoreceram essa mistura de formas, esse é um fato que também já ocorria na alta Idade Média em toda a România e não se pode esquecer de que os textos latinos serviam de modelo ou inspiração para muitas das obras escritas, elaboradas nos ambientes lingüísticos românicos. As traduções se tornavam muito úteis neste processo.

A influência da Igreja, da cultura jurídica, da Universidade, v.g. com seus textos canônicos, mostram caminhos por onde andaram os cultismos e os semicultismos no cabedal de palavras das línguas românicas e entre elas as ibéricas, como o galego-português.

As idéias de Meyer-Lubke lembram a necessidade de se conhecer o fenômeno da estrutura social medieval e da procedência de palavras que com ela se relacionam na sua presença documentada. Deve-se investigar se o conceito por ela designado é verdadeiramente popular e se, p.ex., antes da admissão do cultismo se exprimiu doutro modo. A elucidação da origem e das características de certas obras do galego-português traduzidas do latim ou inspiradas em obras escritas em latim, em fontes, portanto, de manifestação escrita latina, vai poder esclarecer em muitas situações a razão da variedade de formas do léxico utilizado, bem como sua natureza, nível, uso, expressão formal e valor semântico.

Esse assunto é, portanto, produtivo para o estudo diacrônico da língua e para a comparação entre as diversas fontes de interferência e motivação das obras medievais, também em função de sua origem, autoria, influência e elaboração escrita, bem como das possíveis zonas culturais ou campos semânticos, que atuaram em sua trajetória histórica.

Por isso, a identificação do fenômeno das formas semi-eruditas e empréstimos antigos no vocabulário medieval galego-português pode render ou trazer informações úteis para a sua história.

E nas *Cantigas de Santa Maria*, entre as fontes literárias do galego-português, localiza-se o maior número de ocorrências desses vocábulos marcados formal e historicamente, cuja importância vai-se acentuando à medida que os estudos pancrônicos, diatópicos, diastráticos se somam aos diafásicos e aos de natureza filológica e literária para a compreensão da cultura expressa na língua antiga.

O estudo do vocabulário das *Cantigas de Santa Maria*, que identifica os termos classificados como empréstimos antigos ou semi-eruditos, revela bom conjunto de exemplos. Nesse conjunto é possível reconhecer uma série de formas oriundas de campos semânticos bem diferentes, de procedências, possivelmente, diversas; também uma variedade léxica do ponto de vista tipológico quanto à origem, à natureza, à função e à classificação dos vocábulos.

O levantamento das vozes de entrada no glossário das *Cantigas*, na edição de Walter Mettmann, que apresentam do ponto de vista da estrutura fonológica e morfológica características de vozes cultas e semicultas, ofereceu o seguinte conjunto, dos quais se excluíram, por exemplo, topônimos e antropônimos de difícil caracterização como semicultismos. Não se incluíram, na seleção, todas as formas variantes. Também não se incluíram todas as inovações semânticas, apenas supostas em análise de contexto. O resultado do exame do conjunto confirma o caráter inovador do vocabulário das CSM.

O GLOSSÁRIO EM FORMAS E EM ALGUMAS VARIANTES

Aadelante, abito, acensson, acutelar, afanoso, alcavela, alcayota, alcayotaria, almocela, ancela, angostura, angula, animalla, antigo, antiguedade, apostol, apostoligo, apostolo, apressuradamente, apressurosamente, aprestidado, arcebispo, arcediogo, arcidiago, arlotia, Armênia, Armenteira, Arrendaffe, artéria, astrugueza, aturar, avisso, avogada, advogado, avol, avoleza, babtismo, baptismo, Basílio, basiliço, batiçar, batismo, batizar, bautismo, bautizar, bestigo, bevedo, blanco, blando, boquitorto, bovada, boveda, cabdal, cabdelo, cabidoo, calafetador, câmara, canonigo, cantigo, caomiar, capela, Capela, celeste, celestial, celiço, celorgião, cibdade, ciente, cilurgiano, cirurgia, citara, Claraval, claridade, claro,

claustra, Clemente, (San), clérigo, clerizia, cluso, coldre, completas, complidos, confiança, confiar, confirmar, confisson, confujon, contrario, cossairo, Costantinoble, covedo, crerezia, crerigo, crerizia, criatura, crischãidade, crocefigar, crucifisso, cuitelo, custar, decebir, decender, décimo, decinger, defendedor, defender, defendimento, demoniado, dereitura, desbolver, dessegurado, dessegurado, dessinar, diabo, diabre, diabria, dicipolo, dicipinar, dinidade, Dinis, discípulo, discípulo, disto, doctor, doito, Domingo, Domini (Corpus), Dominum, dovida, drudaria, duito, Dulce, dultador, duvida, Egipto, eixalçar, eixame, eixerdar, eixillar, eixillo, eixuffre, Elisabet, emendar, ementar, empecer, empeecer, emperio, enatio, encensso, encobrir, encravelar, encuberto, enfermaria, enfermeria, enfermidade, Englaterra, enmentar, enmente, ensinado, ensinamento, ensinar, entramenterse, entrepeçar, eregia, ereja, eresia, erigia, escano, escarmentar, escarmento, escola, escolar, escrever, escrever, escritura, escrivania, escrever, escrever, escudela, escudila, esfalfar, esmorecer, esmorecer, esmorido, esmorreecer, esmorrido, esmotido, espeitar, espenar, esperital, Esperito, estabelecer, establo, estabria, estabro, estada, estalar, estoria, evangelista, evangelisteiro, Evora, façon, faicon, falcon, falecer, falida, falido, falimento, falir, fegura, fegurar, ferida, ferir, fialdade, ficela, figura, figurar, filosofo, fisica, fisico, flemoso, flor, fruito, frume, furado, fuste, gabança, galardar, Galilea, galileu, gemetria, genoes, Geronimo (Jeronimo), glorioso, gorgomelo, gracia, gracioso, herdamento, herdar, herege, hermita, hermitan(o), homildade, hufania, (h)ufania, (h)umanidade, humanidade, humildade, infante, ifante, infernal, inferno, Inglaterra, inverno, istoria, iverno, Jeronimo, Jordan, jostica, josticeiro, josticiar, jugar, juigar, juiz, juizio, jujuar, justiça, justiça, justiceiro, latin, Lazaro, Ledania, leitoairo, letera, leterado, Leteran, Letra, letuario, Libano, libre, lilio, limpedue, limpidõe, linagen, liteira, Locifer, Lucea, Lucifer, lugar, lussuria, luxuria, Luzea, madodinnno, madudinnos, mannanya, manteento, manteneente, mantinente, matinal, matinas, mecer, melanconia, mercadura, meselo, mingar, mingua, minguido, miserere, misericordioso, misa, miudo, mōimento, monimento, monumento, muleta, mundo, musa, natura, natural, necidade, neicidade, neicio, neiva, Nevia, niebla, nobile, noble, nobleza, nozir, nuzir, oblaçon, oblidar, offereçon, offerenda, offiço, offiço, offreçon, offrenda, offriçon, oitaenta, orden, ordinamento, ordinnado, ordinnado, ordinnar, ordinnar, orrio, padre, palavra, paloma, paonba, paralitico, pascoa, pasqua, pasqua, patriarcha, patriarchado, patriarcha, pecadilla, pecado, pecador, pecadriz, pecar, pecejar, pensamento, pensar, percisson, perda, perdeda, periglo, perigo, perigoar, perigoo, perigooso, perigoso, perigro, pleito, poblado, poblador, poblar, poblo, pobro, prebenda, preçado, precioso, preço, preseve, Princepes, priola, priora, profecia, profeta, profetar, profisson, propheta, prophetar, prophetizado, prophetizar, proviço, psalmo, purpura, quaraenta, quitamente, quito, recessiundo, recodir, recudir, regina, relicca, religa, religion, religioso, relijon, reliquia, resocitar,

ressocitar, ressoscitar, ressucitar, ressuscitar, resucitar, resurgir, resuscitar, rigio, sacerdote, sacrifício, sacristan, sacramento, salir, salmo, sancreschãa, sancrestãa, sancristan, sancristan, sangoento, sanguento, santivigado, santivigar, santuairo, Satanas, segundo, segundo -, sepelir, septimo, sepulcro, sepultura, serviço, sesaenta, significança, sinaadamente, sinaado, sinagoga, sinal, sinalado, sinarse, siso, solamente, sortella, sumir-se, suspirar, tentaçon, terminno, termino, termio, testa, testamento, testimonio, Theophilo, tonelcyo, torpidade, traladar, trameter-se, transir, tras, trasgeito, traspasar, trastornar, triclínium, vassalo, vedro, vertude, viço, virga, virgen, vozeira, zorzelo.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Além do exame dos lexemas, isto é, as formas de entrada do glossário das *Cantigas* elaborado por Mettmann, devem-se compreender os 420 textos que reúnem esse vocabulário. O ambiente lingüístico trecentista em que foram produzidos sofre visível influência das fontes escritas utilizadas na “oficina do Rei Afonso”, fontes que o avô de D. Dinis recolheu e soube aproveitar em sua criação. As cantigas marianas, com exceção das numeradas com final zero nos códices e nas edições, apresentam uma linguagem de natureza narrativa com textos de relativa extensão e variada forma. Muitas delas ultrapassam os 100 versos e raras apresentam menos de 40. É um contraste com as 1657 cantigas líricas e satíricas, que raramente ultrapassam os 30 versos.

Enquanto estas apresentam razoável formalismo estético e lingüístico, as de Santa Maria, embora desenvolvam uma mesma temática de exaltação da Virgem e de seus feitos legendários, apresentam grande variedade de circunstâncias e argumentos com implicações na linguagem e na expressão poética. As diferenças vocabulares e de estruturas sintáticas entre os cancioneiros são notáveis. Para exemplificar, as cantigas de amor do Cancioneiro da Ajuda (310 cantigas) se constroem com pouco mais de 1000 vocábulos e as cantigas satíricas (aproximadamente 430) utilizam cerca de 2300; já os 420 cantares marianos de Afonso X constroem-se com um léxico de aproximadamente 4500 formas diferentes que, com as variantes

fonéticas e gráficas, alcançam as 4715 entradas do Glossário, cujas acepções são mais numerosas. Foi com um número, pois, de quase o dobro de vocábulos, em relação aos das cantigas profanas, que Afonso X elaborou essa obra monumental da criação literária do galego-português.

A razão dessa diferença é, naturalmente, a interferência da linguagem das fontes escritas que alimentaram a elaboração dos textos. Não é propriamente o fato de se construírem esses textos com elementos descritivos e narrativos, como se poderia supor. A linguagem da narração e a linguagem da descrição exigem mais riqueza do léxico, mas não foi, no caso, este o fator mais importante do crescimento do vocabulário utilizado por Afonso X e seus colaboradores. Foi, sem dúvida, o de terem à disposição um léxico específico, de influência religiosa e clerical, associado a rico material de circunstâncias que a tradição escrita razoavelmente culta trouxe para o uso corrente, registrando um conjunto de formas que se podem considerar aquisições ou empréstimos, depois incorporadas ao uso comum do povo, sobretudo na região norte da Península Ibérica. Daí muitas dessas formas serem hoje encontradas no galego corrente.

A repercussão das CSM como obra literária, à sua época, não foi tão grande como se poderia supor, mas, indiretamente, sua influência se fez através da linguagem transferida por seus autores, ou seu autor, ao idioma culto escrito galego-português. Além disso, como fonte de celebração, as cantigas foram aproveitadas nas cerimônias de louvor à Virgem, em particular na região de Sevilha. E no ambiente culto das chancelarias dos reinos e nas dioceses é possível considerar alguma repercussão sobre os métodos e procedimentos de elaboração de tradução e reelaboração de textos. As consequências diacrônicas do uso do material lingüístico, além disso, se manifestaram também em outros aspectos, do ponto de vista da história da língua:

1. Aumento do acervo vocabular constituído por formas cultas ou eruditas e semi-eruditas (veja-se, por exemplo, *claridade* ao lado de *craridade*, *flor* ao lado de *fror* e *frol*, *natal* ao lado de *nadal* etc.).

2. Aumento do número de vocábulos que constituem opções de sinonímia, inclusive. É freqüente nas CSM o emprego de formas de sentido semelhante, fato mais raro nos demais cancioneiros.

3. Alteração na natureza fonológica desse vocabulário, pois surgem vocábulos de acento proparoxítono, fenômeno muito raro na língua das cantigas satíricas e amorosas. Ao lado de oxítonos e paroxítonos surgem formas alatinadas, que passam ao uso comum.

4. Aumento numérico do vocabulário com procedência diversa, pois além das formas comuns oriundas da tradição popular latina ou romance, incorporam-se novos empréstimos castelhanos, provençais, franceses, além dos já mencionados latinos da linguagem eclesiástica ou litúrgica.

5. Alteração do paradigma do sistema de acentos, com repercussão sobre o ritmo do verso, pois formas proparoxítonas passam a compor com as paroxítonas e oxítonas um novo paradigma da prosódia.

6. Aumento considerável do número de formas com significado abstrato, trazendo novos elementos semânticos para o plano da linguagem poética.

7. Presença de vocábulos semi-eruditos, isto é, oriundos de ambiente de neutralização do processo evolutivo, como se nota no vocabulário da pregação e da expressão moral e religiosa, em que as formas intermediárias entre a estrutura fonológica evoluída até o século XIII e a estrutura fonológica de origem encontram um meio-termo na expressão técnica ou específica em que ocorrem.

8. Presença freqüente de formas variantes ou sincréticas (metaplasmos) que, sem dúvida, passam a marcar, a partir de então, o vocabulário do galego-português. Exemplos: *poblo*, a par de *pobro* e *poboo*; *avogada* e *vogada*, que competem com *vozeira*; *vigília*, ao lado de *vigia*; *pedir* e *pidir*; e assim por diante. Essas variantes não são apenas fonéticas, pois também são freqüentemente gráficas. Às vezes são indícios de formas semicultas.

O léxico das CSM apresenta, portanto, uma variedade vocabular cujas características vão se tornar freqüentes nas formas encontradas nas obras literárias didáticas e religiosas dos séculos XV e XVI e que representam inovação e um enriquecimento da natureza do vocabulário da língua portuguesa. Curiosamente, isso ocorre no ambiente literário da corte de Afonso X, rei de Castela e Leão. Em Portugal se dará mais tarde e de outro modo.

O Glossário das CSM é constituído do material lingüístico básico do galego-português dos cancioneiros, acrescido desse léxico de influência das fontes e dos elementos culturais de onde provêm os assuntos desenvolvidos nos Milagres. O grande número de nomes próprios de pessoas e lugares é uma prova da variedade de circunstâncias e elementos que interferiram no processo de elaboração e no material lingüístico. Nele confluem latinismos e cultismos, estrangeirismos vários, vocabulário religioso, termos técnicos e formas semi-eruditas e, como já foi dito, nele aparecem vocábulos proparoxítonos, raríssimos nas demais obras literárias portuguesas coetâneas, que revelam a origem literária e culta das fontes que alimentaram a linguagem das CSM.

A influência da língua escrita, sobretudo oriunda de ambientes técnicos, é uma constante na prosa doutrinária didática e literária a partir dos séculos XV e XVI, mas se antecipa, como se pode ver, na poesia marial como corrente de renovação da linguagem do galego-português literário.

O estudo desse acervo pode contribuir para acrescentar acepções, preencher lacunas ou alterar ordem de precedência dos sentidos ocorrentes; e, eventualmente, proceder a algumas correções nos Glossários publicados. O objetivo principal consiste na reformulação de conceitos sobre a constituição do léxico medieval, em uso no período do trovadorismo, léxico que preparou com exemplos a abundância vocabular que caracteriza o português a partir dos séculos seguintes.

Latinismos como *princepes*, *plena*, *septimo*, *pistola* (epístola); formas cultas como *relica* ou *religa* (reliquia); vocabulário eclesiástico

como *profisson*, *profecia*; termos técnicos como *notario*; formas semicultas como *novelo* (novilho); juntos a muitos outros exemplos de formas semelhantes, vão se tornar modelos de novas configurações do léxico galego-português, que encontra nas CSM um verdadeiro laboratório de transformações do léxico. Elas expressam, pois, uma realidade lingüística só freqüente nas obras elaboradas em português a partir da dinastia de Avis.

As CSM, embora não tivessem, aparentemente, a mesma repercussão pública dos demais gêneros líricos coetâneos, tornaram-se matéria conhecida dos “leterados” responsáveis pela produção literária do período. Constituem, pois, um documento não só de registro, mas de manifestação e expansão da cultura galego-portuguesa em sua história inicial.

Na língua portuguesa dos tempos modernos as diversas camadas históricas, formas populares do léxico, que compõem latinismos, cultismos e semicultismos, convivem sem exclusão de preferência na fala ou na expressão escrita com relativa freqüência. Os diversos níveis de expressão, na atualidade, podem apresentar algumas vozes de formas e procedências diversas desses níveis históricos ou diacrônicos, lado a lado, no mesmo contexto. Nem sempre o falante percebe as diferenças. Houve, sem dúvida, sobretudo no ambiente urbano, uma convergência de formas bastante acentuada principalmente a partir dos processos de difusão em massa das informações e da alfabetização generalizada das populações urbanas. Em certos recantos rurais ou de população esparsa o fenômeno é menos notável.

O exemplo mais importante, em obra literária, em que se acentuou essa convergência que, de modo discreto, sempre ocorreu na gramática portuguesa, em razão das circunstâncias já expostas, sem dúvida, são as Cantigas de Santa Maria, pelo fato de nelas ter ocorrido uma segura intenção de não excluir do plano da expressão as variedades (formais) do léxico que pudessem dar estrutura à matéria elaborada.

As 459 formas identificadas como cultismos e, principalmente semicultismos, no caso, são um exemplo da inovação lexical e renovação ou ampliação semântica de visível consciência ou intenção estética e lingüística. O hipertrovador Afonso X, o Sábio, e seus auxiliares optaram por reincorporar à língua (literária) galego-portuguesa as muitas formas que identificaram nos textos de fonte como reais instrumentos de ampliação dos recursos lingüísticos e estilísticos. Havia outras possibilidades de escolha, se assim o desejassem D. Afonso e seus colaboradores. O espírito ambicioso, “visionário” e universalista do rei Sábio foi uma das razões da escolha. Escolha de um método que se manifestou em outras circunstâncias também de sua atuação como político, guerreiro, administrador. Nem sempre tão exitoso como nas atividades intelectuais e nas iniciativas culturais, como o empreendimento das CSM.

As diversas camadas de vocabulário galego-português se manifestaram nesse conjunto léxico. Algumas áreas ou campos semânticos dos cânticos indicam nitidamente as fontes principais que atuaram na linha da ampliação numérica e conceitual do conjunto:

Localidades, áreas e regiões geográficas; Instituições políticas, religiosas e profissionais; Religião temporal e ações; Religião simbólica e ritual; Moral e ação moral; Ação corporal e gestos; Entes/ animais/ mitologia; Profissões e ações profissionais; Vestes e símbolos; Objetos religiosos; Objetos e instrumentos diversos; Origens e qualidades naturais; Qualidades físicas e genealogia; Qualidades morais e espirituais; Aspectos psicológicos; Corpo e partes do corpo; Aspectos físicos; Genealogia; Demarcação de espaço e dimensões; Demarcação de tempo e período; Hagiografia/ topônimos/ antropônimos, hierônimos, heortônimos, etnônimos; Relações familiares e afetivas; Parentesco; Grupos e estamentos; Hierarquia; Comportamentos; Atividades militares ou guerreiras; Atividades profissionais; Estado de saúde; moléstias; Educação e pedagogia; Regras jurídicas e sociais; Direito e jurisprudência; Substâncias e formas materiais; Economia e condições econômicas; Língua/ linguagem.

A gama variada de áreas de conhecimento, a vida, a experiência humana que se registram nas cantigas, com elementos não somente tradicionais do léxico e com ampliação de vozes e estruturas formais dos exemplares em que se nota a inovação semântica, mostram com clareza a influência positiva da obra poética do rei de Castela e Leão no século XIII e como esse trabalho artístico aproveitou as fontes escritas e orais da literatura mariana, oriundas de várias regiões da Europa, para com elas enriquecer o acervo lingüístico cultural do galego-português, o dialeto escolhido para dar expressão às Cantigas.

O caráter inovador das 459 formas cultas e semicultas, principalmente, do vocabulário que o glossário das *Cantigas* apresenta pode ser considerado o ponto inicial, do ponto de vista da diacronia da língua, de um processo valioso para a inovação e a renovação semântico-lexical e para a inovação formal de material lingüístico, inovação que não se restringiu apenas ao nível léxico, mas que nele se apoiou para introduzir, com o respaldo de uma produção esmerada e talentosa, outros níveis do conjunto do léxico, como modelos que viriam a ser seguidos com naturalidade e frequência a partir de então, na produção dos documentos escritos em galego-português e no próprio castelhano. Uma multiplicação por cinco no material inovador das vozes semicultas e cultas; uma multiplicação por dois no conjunto das vozes comuns e suas variantes em comparação ao léxico reunido da produção literária do período, incluindo toda a produção lírica dos cancioneiros e também o vocabulário da *Demanda do Santo Graal*, na tradução portuguesa, provavelmente também do século XIII, dão às *Cantigas de Santa Maria* um papel pioneiro como esforço intelectual de renovação estética e de inovação lingüística que antecipou em dois séculos um dos fenômenos mais importantes para o desenvolvimento das línguas ibéricas como instrumentos da criação e da expressão cultural da sociedade que as empregou na Idade Média.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, I. M. (1990) *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo, Ática.
- BIDERMANN, M. T. (1978) *Teoria lingüística*. Rio de Janeiro, LTC.
- CÂMARA Jr., J. M. (1985) *História e estrutura da língua portuguesa*, 4. ed. Rio de Janeiro, Padrão.
- LAPA, M. R. (1970) *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros medievais galego-portugueses*. 2. ed. rev. Coimbra, Galáxia.
- MAGNE, A. (1944) *A Demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1944, vol. III (glossário).
- METTMANN, W. (1972) *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, vol. IV.
- MEYER-LUBKE, W. (1916) *Introdução ao estudo da Glotologia Românica*. Lisboa, Livraria Clássica.
- NUNES, J. J. (1973) *Cantigas d'Amigo dos trovadores Galego-Portuguesas*. Lisboa, Centro do Livro Brasileiro vol. III.
- PACHECO DA SILVA Jr., M. (1878) *Grammatica Historica da Lingua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Typ. A vapor de D. M. Hazlett.
- PEREIRA, E. C. (1932) *Grammatica Historica da Lingua Portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- PIDAL, R. M. (1952) *Manual de Gramática Histórica Española*. 9. ed. Madrid, Espasa-Calpe.
- PIEL, J.-M. (1989) *Estudos de lingüística histórica galego-portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- PILAR, V.C.; MENDES DA LUZ, M. A. (1971) *Gramática Portuguesa*. 3. ed. Madrid, Gredos, 2. vol.
- ULMANN, S. (1973) *Lenguaje y estilo*. Madrid, Aguilar.
- VASCONCELOS, C. M. de (1921) *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*. Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- VASCONCELLOZ, A. G. R.de (s.d.) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Paris-Lisboa, Aillaud-Alves.
- VILELA, M. (1997) O léxico do português: perspectiva geral. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 1. São Paulo, Humanitas, p. 31-50.
- WILLIAMS, E. B. (1973) *Do latim ao português*. 2. ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

ABSTRACT: This paper aims at demonstrating the innovative aspect of the Cantigas de Santa Maria's vocabulary. Besides a bigger number of vocabulary items than other medieval Portuguese song-books, the CSM presents many cult and "semi-cult" words, which increase the semantic areas covered by the lexicon of Galician-Portuguese of the 13th Century. Therefore, the Cantigas de Santa Maria make a vast linguistic and cultural contribution to the medieval Portuguese.

Keywords: *lexicography, lexicology, medieval Portuguese lexicon, medieval Portuguese literature.*